



BOGDAN BILOUWS: O OLHAR DO FOTÓGRAFO NOS RETRATOS DE CASAMENTO DOS DESCENDENTES ITALIANOS DAS FAMÍLIAS BOBATO E MOLETA (1950-1980)

Taline Bobato Stadler¹
Jeanine Campos Ressetti²
Roberto Edgar Lamb³

INTRODUÇÃO

Este artigo ressalta a importância da fotografia para a construção da história. Ele vem destacar a análise das fotografias de casamentos dos descendentes de imigrantes italianos das famílias Bobato⁴ e Moleta, entre as décadas de 1950 a 1980, as quais foram produzidas pelo fotógrafo Bogdan Bilouws, fotógrafo de destaque que atuou na cidade de Imbituva/PR.

A principal preocupação deste artigo é a discussão sobre a necessidade de interpretação da fotografia enquanto fonte histórica. A fotografia, até o início do século XIX não era valorizada enquanto documento histórico, os historiadores se recusavam a lançar mão da fotografia como fonte de pesquisa histórica. Ela era utilizada apenas como ilustração. Mas em meados do século XIX a fotografia trouxe novas possibilidades de produção de informação e conhecimento, servindo como instrumento de apoio à pesquisa e como forma de expressão artística (KOSOY, 2001).

A fotografia como um documento histórico possibilita compreender os processos históricos, por meio de outros valores, interesses, problemas, técnicas e olhares, também contribui para melhor entendimento das formas por meio das quais as pessoas representaram sua história e sua historicidade e se apropriaram da memória cultivada individual e coletivamente.

Dessa forma este artigo vem mostrar a representação fotográfica dos casamentos de descendentes de imigrantes italianos das famílias Bobato e Moleta, já que tais imagens são carregadas de valores e práticas, (como as relações familiares, religiosidade e memória) do contexto histórico em questão.

Se observada fora de seu contexto, a princípio, a fotografia apresenta para o observador uma possível compreensão imediata do acontecimento, [...] Mas há que se olhar mais detalhadamente. A imagem instiga o que existe além de um simples significado aparente. [...] As inquietações e os conflitos entre os integrantes da família ficam fora da trama fotográfica. (SANTOS, 2009, p.17)

1 Graduada em Licenciatura em História pela UEPG/UAB (2014). E-mail: talinebobato@yahoo.com.br.

2 Orientadora. Mestranda no Programa de Pós Graduação em História PPGH pela Universidade Estadual de Ponta Grossa - UEPG.

3 Co-orientador. Doutor em História (PUC-SP). Professor do Departamento de História e do Programa de Mestrado em História da Universidade Estadual de Ponta Grossa.

4 Na escrita do sobrenome Bobato ocorre variação nos registros encontrados. Os primeiros imigrantes dessa família que chegaram a Imbituva tinham o sobrenome escrito com dois "Bs", onde lê-se Bobbato, mas com o passar do tempo houve variação na escrita passando a escrever o nome com apenas um "B", onde lê-se Bobato. Todas as pessoas pertencentes a essa família apresentadas nesse trabalho tiveram seu nome registrado com um "B", portanto optou-se por utilizar essa grafia para mencionar este sobrenome. O mesmo aconteceu com o sobrenome Moleta que nos primeiros registros era escrito com dois "Ts" e que com o passar do tempo passou a ser escrito com apenas um "T".

Resumo: O presente artigo pretende trabalhar com a análise de fotografias de casamentos de descendentes de imigrantes italianos das famílias Bobato e Moleta, as quais foram produzidas por Bogdan Bilouws, fotógrafo importante que atuou na cidade de Imbituva-PR entre as décadas de 1950 a 1980. Para a análise do olhar fotográfico do Sr. Bogdan, no momento em que registrou os casamentos das famílias citadas, serão utilizadas treze fotografias. É através dessas fotografias que podemos perceber elementos como memória e identidade das famílias, as quais contribuem para a preservação de sua própria história de vida.

As fotografias de casamentos retratavam a formação de uma nova família, que na maioria das vezes se dava pela união de duas famílias diferentes. O papel do fotógrafo nesse contexto era o de um colaborador para a preservação e a manutenção desse momento de união na memória das pessoas envolvidas e daqueles que posteriormente viriam a “reviver” esse momento através da fotografia. Além disso, o Sr. Bogdan era o único fotógrafo na época que possuía disponibilidade para registrar os casamentos, por isso ele era chamado para fotografar a maior parte dos eventos da cidade.

Santos (2009, p. 167), afirma que “*a fotografia de grupos familiares, assim como de outros grupos, constitui-se em um meio imagético para se disseminar discursos e ressaltar relações sociais que alificaram congeladas no instante retratado*”. Dessa forma, sentiu-se a necessidade de pesquisar e produzir estudos escritos formais sobre o tema, já que a memória desses descendentes de imigrantes italianos pode ser percebida até hoje nos relatos de suas histórias de vida e nas fotografias.

Dessa forma, o principal objetivo deste artigo é analisar o olhar fotográfico que o fotógrafo Bogdan Bilouws apresentou ao registrar as fotografias dos casamentos dos descendentes de imigrantes italianos das famílias Bobato e Moleta. Pretende-se também identificar elementos comuns nas retratações dos casamentos e de que forma estas famílias preservaram sua identidade e memória através destas fotografias, permitindo compreender o passado através das interpretações que os sujeitos fazem no presente.

Na delimitação temporal, optou-se pelas décadas de 1950 a 1980, décadas estas nas quais o fotógrafo atuou profissionalmente na cidade, registrando todas as fotografias analisadas neste artigo.

A partir desses objetivos, buscamos utilizar a fotografia como fonte documental, já que ela contribui para a construção da memória, no momento em que atua como documento histórico, como fonte de conhecimento e de rememoração.

A Trajetória da Fotografia

Segundo Hoffman (2013, p.202) a primeira imagem fotográfica foi produzida por Joseph Niépce, em 1826, na França. A partir daí, essa invenção vai trazer uma mudança significativa na

maneira de obter as imagens daquilo que observamos.

A descoberta da fotografia no Brasil aconteceu em 1833, pelo francês Hercules Florence, a utilização da primeira vez do termo *photographie*, seguindo para a descoberta das cartas-de-visite, até o surgimento da primeira câmara Kodak. Nesse contexto a fotografia foi tendo uma aceitação bastante grande enquanto possibilidade inovadora de informação e conhecimento (HOFFMANN,2013,p.203).

A fotografia surgiu na década de 1830 como resultado da feliz conjugação do engenho, da técnica e da oportunidade. Niépce e Daguerre – dois nomes que se ligaram por interesses comuns, mas com objetivos diversos – são exemplos claros dessa união. Enquanto o primeiro preocupava-se com os meios técnicos de fixar a imagem num suporte concreto, resultado das pesquisas ligadas à litogravura, o segundo almejava o controle que a ilusão da imagem poderia oferecer em termos de entretenimento (afinal de contas, ele era um homem do ramo das diversões)(MAUAD, 2008, p.29).

Até o início do século XIX, a fotografia não era utilizada como fonte de pesquisa histórica, era utilizada apenas como ilustração. Mas foi no final do século XIX que as transformações nas relações sociais e no pensamento filosófico trazem a fotografia como uma nova perspectiva, uma nova possibilidade de pesquisa e nova fonte para interpretar os processos históricos. Segundo Kossoy (2001, p.26) a fotografia a partir de 1860 passa a ser aceita como possibilidade inovadora de informação e conhecimento. É a partir dela que podemos registrar casamentos, nascimentos, romances, bodas, aniversários, enfim, a história do cotidiano, como também os acontecimentos da política e da história nacional e mundial.

As fontes fotográficas são uma possibilidade de investigação e descoberta que promete frutos na medida em que se tentar sistematizar suas informações, estabelecer metodologias adequadas de pesquisa e análise para a decifração de seus conteúdos e, por consequência, da realidade que os originou. (KOSSOY, 2001, p.32).

A fotografia é uma fonte histórica onde a imagem representada geralmente nunca éposta em dúvida, isto se deve à credibilidade da fotografia nos diferentes ramos da ciência. As fotografias não substituem a realidade tal como se deu no passado, mas sempre permitirão diferentes interpretações e múltiplas significações. Ao se analisar uma fotografia deve haver a conexão das informações

com o contexto econômico, político e social, com os costumes, com as manifestações artísticas, literárias e culturais da época retratada. Pretende-se fazer isso no estudo deste artigo, onde serão analisados aspectos religiosos e comportamentais através da fotografia.

Toda fotografia foi produzida com uma certa finalidade. Se um fotógrafo desejou ou foi incumbido de retratar determinado personagem, documentar o andamento das obras de implantação de uma estrada de ferro, ou os diferentes aspectos de uma cidade, ou qualquer um dos infinitos assuntos que por uma razão ou outra demandaram sua atuação, esses registros - que foram produzidos com uma finalidade documental - representarão sempre um meio de informação, um meio de conhecimento, e conterão sempre seu valor documental, iconográfico. (KOSSOY, 2001, p.47-48).

Em toda fotografia podemos identificar a ação do homem, o fotógrafo, que em determinado espaço e tempo opta por um assunto em especial e que, para seu devido registro, emprega os recursos oferecidos pela tecnologia. Portanto temos três elementos que constituem uma imagem fotográfica: o assunto, o fotógrafo e a tecnologia.

O ato do registro, ou o processo que deu origem a uma representação fotográfica, tem seu desenrolar em um momento histórico específico (caracterizado por um determinado contexto econômico, social, político, religioso, estético etc.); essa fotografia traz em si indicações acerca de sua elaboração material (tecnologia empregada) e nos mostra um fragmento selecionado do real (o assunto registrado). (KOSSOY, 2001, p.39-40).

Ao fotografarmos, estabelecemos um tema e o espaço fotográfico, fazemos o foco e definimos o objeto central. Porém tudo depende do fotógrafo e dos recursos técnicos de que dispõe. As fotografias congelam fragmentos desconectados de um instante da vida das pessoas, coisas, natureza, paisagens urbana e rural.

Ao se analisar as fotografias deve haver a conexão com as mais diversificadas fontes num contexto geral, que informam sobre o passado e a atuação do fotógrafo. A fotografia é uma representação do passado, cabendo ao historiador realizar a análise iconológica da mesma, ou seja, sua interpretação. As fotografias nos remetem a uma parcela de realidade, sob a qual podemos questionar e descobrir informações que estamos buscando. As fontes analisadas poderão contribuir para a percepção do olhar fotográfico do Sr. Bogdan Bilouws no momento do registro de um elemento mantenedor da memória dos descendentes de

imigrantes italianos através das fotografias dos casamentos das duas famílias citadas.

A fotografia, portanto, como fonte histórica traz elementos da cultura material, costumes, relações sociais e de poder, entre outros. Ela nos traz recortes de momentos passados, possibilitando a investigação, o levantamento de informações, quais os elementos representados por ela e o contexto nas quais elas estão inseridas. Mesmo estando atrelada ao estudo dos acontecimentos do passado passa a ser um testemunho do presente, ou seja, divulga os feitos dos homens públicos e o cotidiano dos homens e mulheres de diferentes classes sociais. A fotografia é para o historiador uma possibilidade de descoberta e interpretação da vida histórica.

O Retratista

Ao falar em fotografia neste artigo, logo nos remetemos à figura do fotógrafo, personagem sem o qual a fotografia não seria capaz de existir. E ao pensarmos na figura do fotógrafo, nos remetemos para a necessidade de contar um pouco da história de vida do senhor Bogdan Bilouws, ou seja, sua biografia.

Segundo Bourdieu (2006, p. 183-184), a biografia é caracterizada como a história de uma vida, sendo a vida um conjunto de acontecimentos de uma existência individual, ou seja, de um ser humano. A biografia geralmente possui a narração como estilo de escrita, sendo que esta pode seguir uma ordem cronológica ou não, e que geralmente registra fatos marcantes e significativos da vida do entrevistado, os quais ele deseja enfatizar. A narrativa pode variar em sua forma e conteúdo, conforme o meio social a que está destinada e será apresentada.

Essa inclinação a se tornar ideólogo de sua própria vida, selecionando, em função de uma intenção global, certos acontecimentos significativos e estabelecendo entre eles conexões que possam justificar sua existência e atribuir-lhes coerência, [...] encontra a cumplicidade natural do biógrafo para quem tudo, a começar por suas disposições de profissional da interpretação, leva a aceitar essa criação artificial de sentido. (BOURDIEU, 2006, p. 184-185)

Uma característica importante da biografia é que a ela está atrelada como forma de afirmação e aceitação é o nome próprio. É através dele que se constitui a identidade social do entrevistado, podendo ser constante e duradoura, que junta-

mente com sua identidade biológica, motiva-se a assegurar uma constância do grupo através do tempo e espaço, porém também essa identidade está sujeita a mudanças em todas as suas histórias de vida possíveis, ou seja, a memória constitui o sentimento de identidade.

Compreende-se, então, que, em inúmeros universos sociais, os deveres mais sagrados em relação a si mesmo tomam a forma de deveres em relação ao nome próprio (que é sempre também, por um lado, um nome coletivo, como nome de família, especificado por um prenome). O nome próprio é o atestado visível da identidade de seu portador através dos tempos e dos espaços sociais. (BOURDIEU, 2006, p. 187)

Através de entrevista cedida pela Senhora Mauriene Camargo Taques Bilouws, viúva do Sr. Bogdan, obtemos as informações que serão apresentadas a seguir.

O Sr. Bogdan Bilouws, fotógrafo em estudo neste artigo, registrava a maior parte dos eventos que aconteciam na cidade de Imbituva entre as décadas de 1950 a 1980. Era chamado de “retratista”, como comumente eram chamados os profissionais da fotografia nos inícios do século XX.

Nasceu em 12 de agosto de 1932, em uma localidade no interior do município de Irati-PR. Era descendente de imigrantes poloneses.

Teve sua iniciação na arte de fotografar no ano de 1947, como aprendiz de seu tio João Dulka. Nessa época era realmente muito difícil reproduzir as imagens das pessoas com perfeição, pois os equipamentos da época não dispunham de tantos recursos quanto os de hoje, era necessário fazer retoques, prática esta que até pouco tempo muitos profissionais ainda utilizavam.

Em 1950 foi servir o Exército na cidade do Rio de Janeiro. Lá se tornou fotógrafo do Exército, aproveitando para se aperfeiçoar na arte de fotografar. Quando retornou, em 1952 estabeleceu seu comércio na cidade de Irati-PR, onde ficou até o ano de 1955. No mesmo ano passou a residir e trabalhar em Imbituva, tornando-se o primeiro fotógrafo profissional da cidade, pois antes só existiam fotógrafos amadores. Criou o estúdio fotográfico “Foto Bilouws”, localizado ao lado da Igreja Matriz Santo Antônio, onde permaneceu até sua morte.

Casou-se com Mauriene Camargo Taques (conhecida como D. Maura). Ela era filha de Ermínia Taques e Ubaldino Taques, neta de Balduíno Taques, nome de destaque na cidade de Ponta Grossa-PR. Os pais de D. Maura eram fazendei-

ros e seu casamento com o Sr. Bogdan Bilouws realizou-se na Catedral de Ponta Grossa e a festa em uma fazenda na localidade de Olho D’Água município de Imbituva. Vieram então morar em Imbituva em frente à Praça da Igreja Matriz. Tiveram duas filhas, Tânia e Telma Bilouws.

No início de sua carreira profissional em Imbituva, havia certa dificuldade em conseguir uma fotografia de qualidade, pois a energia elétrica da cidade era insuficiente, fazendo com que a luz oscilasse muito. Mesmo assim, o Sr. Bogdan era prestativo e preocupado em realizar um serviço de qualidade. Também realizava fotografias externas, permitindo um melhor registro dos acontecimentos da época em Imbituva.

O Sr. Bogdan era reconhecido pela sociedade imbituvense, era respeitado e estimado pelo seu profissionalismo e dedicação. Trabalhou em Imbituva 40 anos como fotógrafo profissional. Sua seriedade o levou a Presidente do Asilo São Vicente de Paula, da Associação Operária de Imbituva e por 3 meses foi Delegado substituto no município.

Em sua profissão de fotógrafo, saía a qualquer hora do dia ou da noite para fotografar. Constantemente era chamado pelos policiais para fotografar acidentes, prisões ou outros acontecimentos. Também fotografava eventos políticos, religiosos, estudantis, enfim, tudo o que ocorria na cidade de Imbituva.

Em seu estúdio, montado na frente de sua casa, encomendava painéis, papéis e outros instrumentos necessários para fotografar, para viajantes que passavam na cidade. Depois que tirava as fotografias colocava-as em exposição, num galeria fechada com vidros, para que o público pudesse apreciar seu trabalho.

Em seu estúdio tinha todas as roupas necessárias para que as pessoas que viessem fazer as fotografias saíssem bem alinhadas, como ternos e gravatas. Como muitos vinham do interior chegavam todos cheios de pó das carroças, então, o Sr. Bogdan os conduzia até um lugar em seu estúdio onde podiam se limpar e recompor para depois tirar a fotografia.

Ele fotografou várias gerações de famílias em Imbituva. Quando algumas noivas chegavam a seu estúdio com o vestido pouco armado, ele colava jornais por baixo do vestido para ficar bem armado e mais bonito (foto 6: JoraciMoleta).

Muitas pessoas que chegavam para tirar fotografias para documentos e tinham pouco ou nenhum dinheiro para pagar, ele não cobrava, por-

que sabia da dificuldade de muitas pessoas e encarava esse ato como caridade. Muitos idosos que iam se aposentar e precisavam das fotografias, só o pagavam depois que recebiam sua aposentadoria. Era uma pessoa muito bondosa e cumpridora de seus deveres para com a sociedade, segundo afirma sua esposa D. Maura.

Quando as pessoas que tiravam as fotografias não vinham buscar, depois de algum tempo ele queimava as mesmas, para que ninguém usasse indevidamente essas fotos.

Em seus instrumentos de trabalho constava uma escrivaninha, uma máquina de datilografar (que hoje estão com uma das filhas) e a máquina de tirar a foto (que ele colocava em um tripé). Quando essa máquina estragava, ele mandava arrumar em Curitiba e tinha uma de reserva (que está com sua outra filha).

Parou de trabalhar com 59 anos em 1991. Vendeu seus instrumentos para um novo fotógrafo que se instalou na cidade, Geraldo Rocha. Morreu em 15 de dezembro de 1994, vítima de insuficiência respiratória. Alguns de seus equipamentos fotográficos permanecem até hoje com sua família, como uma forma de recordar e reviver a sua realização profissional⁵.



Foto 1 - Bogdan Bilouws
Acervo: Mauriene Bilouws



Foto 2 - Mauriene Taques Bilouws em seu casamento, fotografada pelo marido Bogdan Bilouws em seu estúdio fotográfico.
Acervo: Mauriene Bilouws



Foto 3 - Uma das primeiras máquinas fotográficas utilizadas pelo fotógrafo Bogdan Bilouws. Sua filha Tania Mara em seu estúdio fotográfico. Agosto de 1976. Acervo: Mauriene Bilouws.

⁵ Dados colhidos através de entrevista com D. Mauriene Camargo Taques Bilouws, no dia 30/08/2013 e também do Jornal Imbituva Hoje Regional, com data de 19/02/1995.

Famílias Bobatoe Moleta— Descendentes de Imigrantes Italianos

A vinda dos imigrantes para o Brasil iniciou-se em 1819, com algumas famílias suíças na região de Nova Friburgo. Mas o auge ocorreu nas últimas décadas do século XIX, atendendo aos interesses da cafeicultura, que mesmo antes da abolição da escravatura passou a utilizar o trabalho livre em grande escala. O imigrante veio para o Brasil trabalhar nas lavouras de café de São Paulo, Rio de Janeiro e Minas Gerais, como empregados e no Sul da Província Paranaense, principalmente como colonos. A primeira leva de imigrantes, entretanto, chegou ao nosso Estado – o Paraná – entre 1748 e 1752. Eram portugueses, que vieram para estabelecer posse na região de Guairá e Foz do Iguaçu e quem mais tarde iniciariam o povoamento efetivo da Província Paranaense.

Esses imigrantes vieram para o Paraná com o objetivo de colonizar e formar lavouras de subsistência para o abastecimento dos centros populosos. O governo provincial desejava estabelecer uma população de agricultores no espaço entre os Campos Gerais, o Vale do Iguaçu e Guarapuava. Conforme Steca e Flores (2002, p.32), buscava-se fortalecer o tripé formado pelo mate, a madeira e o gado – os principais produtos da economia da província. (STADLER, 2011, p.441).

A intensa atividade colonizadora atingiu os terrenos dos arredores de Curitiba e de um modo geral o planalto curitibano com o estabelecimento de numerosos núcleos coloniais situados próximos ao centro urbano da capital paranaense. A composição dos grupos imigrantes estabelecidos nas colônias desse área foi bastante heterogênea, compreendendo alemães, italianos, poloneses, em maior número. Os resultados satisfatórios alcançados na colonização nas proximidades de Curitiba estimularam novas iniciativas de colonização, estendendo-se o programa ao litoral e aos Campos Gerais, sendo que a primeira leva de imigrantes Italianos chegou em 1875. (STADLER, 2011, p.441 apud BALHANA; MACHADO; WESTPHALEN, 1969, p. 168).

“(...) as famílias que saíram da Itália pertenciam, em grande parte, a universo dos meeiros, dos pequenos proprietários e dos arrendatários, independentemente de se originarem da Itália setentrional ou meridional”. (ALVIM, 1986, p. 22). Os imigrantes italianos que se dirigiram para a região sul do Brasil, entre 1870-1920, na sua maioria eram da região do Vêneto e de suas províncias Belluno, Treviso, Vicenza, Verona, Padova, Veneza e Rovigo, onde o eixo de sua produção eram os cereais e os vinhedos.

O governo com o intuito de acelerar a imigração,

iniciou a colonização em regiões mais afastadas, sobretudo nos municípios de Palmeira, Ponta Grossa, Santo Antônio de Imbituva, São Mateus do Sul, Rio Azul, Mallet, Iraty, Cândido de Abreu, União da Vitória, Prudentópolis. É neste contexto que destacamos a imigração italiana com a instalação de famílias na Colônia de Bela Vista, interior da então Freguesia de Santo Antônio de Imbituva, em 1896. Eles chegaram, adquiriram terras e iniciaram a fundação de pequenos núcleos. vieram famílias de imigrantes italianos como os Bobato, Moleta, Marconato, Menon, Pontarolo, que nas regiões mais do interior de Imbituva formaram núcleos, como por exemplo, Ribeira, Colônia Bela Vista, Boa Vista, entre outras. (STADLER, 2013, p.6-7).

Segundo Stadler (2013), nos locais onde os imigrantes se instalaram, iniciaram produzindo na terra e como as culturas eram semelhantes às da Europa, cultivaram cereais, verduras, vinho, entre outros. De suas colônias localizadas no interior (Bela Vista, Ribeira, Boa Vista), dirigiam-se à cidade (Imbituva) para a venda do excedente de sua produção e de outros produtos como manteiga, queijo, doces, ovos, entre outros. As outras duas atividades principais desenvolvidas por esses imigrantes foram o cultivo da erva-mate e a extração da madeira.

Segundo Moletta (2007), Giacinto Moletta e sua mulher, Maria Gabardo, constituíram uma das famílias pioneiras da Colônia Bela Vista no município de Imbituva, no Paraná. A motivação para o deslocamento a esta localidade era a companhia de muitos outros italianos e a possibilidade de possuírem uma área enorme para plantio. A chegada desses italianos ocorreu em 1896.

De acordo com Stadler (2013), a família Bobato, que posteriormente também se fixou na Colônia Bela Vista, se destaca com a entrada de Marziale Bobbato no ano de 1887 no Estado do Paraná. Essa família morou inicialmente na Colônia Alfredo Chaves, atual município de Colombo.

Marziale, insatisfeito com o local onde residia, partiu para o interior em busca de outras terras. Marziale Bobbato e seus outros companheiros, principalmente seu irmão João Bobbato encontraram uma área de aproximadamente 1.800 alqueires e distante uns 15 km da cidade para a implantação da nova colônia.

Feita a estrutura básica na colônia foi possível iniciar o processo de recebimento das outras famílias, ora mencionadas em ordem alfabética: Affornalli, Beraldo, Benanto, Bressan, Binni, Dal Santo, Dalla Rosa, Fabbris, Fabbri, Gatto, Gasparello, Guilherme, Marconato, Montani, Menon, Scorsin, Sturaro e Zampieri, entre outras, todas da região vêneto, no norte da Itália. (STADLER, 2011, p.443).

A colônia foi batizada com o nome de Colônia Italiana Bella Vista. Sucessivamente foram chegando à colônia outras famílias e, em 1900, o número delas era de aproximadamente 40 famílias, estimando-se um total de 150 habitantes. Os colonos relatam que a terra era fértil, adequada para a plantação de arroz, batata doce, batata inglesa, cebola, centeio, feijão, fumo, melancia, milho, trigo e uva. A rotina era como nas demais colônias, de muito trabalho e pouca diversão. Bella Vista foi fundada por pessoas que não tinham encontrado oportunidades nas colônias existentes nos arredores de Curitiba.

Também relacionados aos imigrantes italianos da Colônia Bella Vista, estão atividades relacionadas ao desenvolvimento dos setores industriais e comerciais, os quais se distribuíram pelo pequeno comércio, extração da erva mate e indústria de madeira, constituindo hoje importante contribuição à vida econômica imbituvense através de seus descendentes.

Entre os descendentes das famílias Bobato e Moleta que se relacionavam entre si na Colônia Bella Vista e seus arredores estão os casamentos e a união destas famílias, formando a maioria da população atual da Colônia e parte dos moradores da cidade de Imbituva.

As imagens abaixo mostram os casais pioneiros das famílias Bobato e Moleta que se estabeleceram na Colônia Bella Vista em Imbituva, e que deram origem aos descendentes representados nas fotografias de casamentos deste trabalho⁶.



Foto 4 - Igreja Nossa Senhora do Carmo. Construída pelos imigrantes italianos na Colônia Bella Vista em 1925-29.



Foto 5 - Marziale Bobbato e Maria Madalena Milani. Casal pioneiro da família Bobato.



Foto 6 - Luigi Moletta e Anna Bordignon. Casal pioneiro da família Moleta.

⁶ MOLETTA, Susete. Da Itália para o Brasil: o casal da Capelinha da Água Verde. São José dos Pinhais: Est. Edições, 2007, 220 p.

Os casamentos das famílias Bobato e Moleta sob o olhar do fotógrafo Bogdan Bilouws

A fotografia se constitui em importante fonte para seregristrar a expressão das vontades, das aspirações, das realizações, ou seja, da história de cada povo. São as fotos que ajudam a contar a vida das pessoas, das famílias, das cidades. Ela tem registrado paisagens, casamentos, nascimentos, aniversários, lazer, trabalho, batizados, festas, bailes, passeios e tem registrado os acontecimentos da política e da história nacional e mundial.

Para o historiador em suas pesquisas, a fotografia pode ser considerada um documento histórico que permite investigar como era a vida das pessoas de uma determinada época. Mas temos que tomar cuidado, pois a fotografia não substitui os fatos como eles realmente aconteceram. Ela pode representar a intenção do fotógrafo ao registrar determinada imagem. A fotografia pode significar um símbolo, aquilo que no passado, a sociedade quis deixar como mensagem para o futuro, ou seja, uma determinada visão deste passado. Kossoy (2001, p.36) nos revela que a fotografia “é uma representação do real e também uma possibilidade de construir a realidade, a partir da investigação que fizemos sobre o significado dela como imagem fotográfica e os condicionamentos em que foi produzida”.

Uma fotografia traz várias informações acerca de um momento passado. Ela sintetiza no documento um fragmento do real visível. O espaço urbano, os monumentos arquitetônicos, o vestuário, a pose e as aparências elaboradas dos personagens, aguardam interpretação. São essas interpretações que cabem ao historiador fazê-las. A fotografia, portanto, é uma fonte de estudos para a história, pois ela pode expressar em alguns casos, tanto quanto os próprios documentos escritos como também podem ser auxiliados por esses mesmos, ou seja, os dois se completam como Mauad aborda:

[...] à medida que os textos históricos não são autônomos, necessitam de outros para sua interpretação. Da mesma forma, a fotografia – para sua utilização como fonte histórica, ultrapassando seu mero aspecto ilustrativo – deve compor uma série extensa e homogênea no sentido de dar conta das semelhanças e diferenças próprias ao conjunto de imagens que se escolheu analisar. [...] (MAUAD, 2008, p. 25)

As fontes históricas representam os casamentos dos descendentes de imigrantes italianos, os quais

muitas vezes casavam entre parentes, perpetuando o nome de uma mesma família. Outras vezes, casava-se com pessoas de outras famílias, como é o caso das famílias estudadas, Bobato e Moleta, ambas de origem italiana, e que juntas deram origem a um grande número de descendentes que lutam pela preservação da memória de seus ancestrais.

Dentre os vários estudos sobre a memória, os de Maurice Halbwachs contribuíram para a compreensão do conceito de memória e suas relações com o contexto social. Para ele, as memórias podem ser individuais, sociais ou coletivas. Cada um carrega as suas lembranças, mas está o tempo todo interagindo com a sociedade, seus grupos e instituições. A memória pessoal está diretamente relacionada às memórias dos que o cercam. Para este autor,

(...) nossas lembranças permanecem coletivas, e elas nos são lembradas pelos outros, mesmo que se trate de acontecimentos nos quais só nós estivemos envolvidos, e com objetos que só nós vimos. É porque, em realidade, nunca estamos sós. Não é necessário que outros homens estejam lá, que se distingam de nós: porque temos sempre conosco e em nós uma quantidade de pessoas que não se confundem. (HALBWACHS, 1990, p.26).

Portanto, interpretar as memórias e de um grupo específico (imigrantes italianos através das fotografias de casamentos) não é algo fácil, muito pelo contrário, requer esforços e dedicação, afinal, memória é trabalho constante no sentido de reviver, refazer, reconstruir, com ideias e imagens, as experiências do passado. Para fazer essa reconstrução do passado, o grupo familiar é uma referência fundamental, pois é objeto e espaço para recordações.

Halbwachs (1990, p.81-82) destaca que “a memória familiar é uma construção coletiva, uma corrente de pensamento contínuo (...) que retém do passado somente o que está vivo ou capaz de viver na consciência do grupo que a mantém.” É nesse sentido que a memória está intimamente ligada com a identidade, capaz de se formar e se manter na consciência dos grupos específicos aos quais estão relacionadas.

Sobre o conceito de identidade, a autora Verena Alberti (2006, p.4) comenta:

É claro que é importante, para a construção da identidade do indivíduo, que ele conheça sua história familiar: quem foram e o que fizeram seus antepassados? Esse conhecimento permite que se sите no mundo e na história e que forme uma espécie de capital intelectual e afetivo, que pode carregar para novas relações. (ALBERTI, 2006, p.4)

Para a devida interpretação das fotografias des-

te artigo o olhar e o espaço delimitado foi o estúdio do fotógrafo Bogdan Bilouws. Esse espaço foi selecionado por se tratar do espaço onde ele fotografava os casamentos e a maioria das fotografias em estúdio encomendadas a ele.

A principal atividade realizada para este estudo foi a interpretação de treze fotografias de casamentos entre as famílias Bobato, Moleta e algumas outras famílias de descendentes de imigrantes italianos, correspondente às décadas de 1950/80. Utilizando-se de um roteiro e alguns passos sugeridos por Kossoy, foram sistematizadas as primeiras informações.

[...] análise técnica (análise do artefato, a matéria, ou seja, o conjunto de informações de ordem técnica que caracterizam a configuração material do documento) e da análise iconográfica (análise do registro visual, a expressão, isto é, o conjunto de informações visuais que compõem o conteúdo do documento). (KOSSOY, 2001, p.77).

Os dados sistematizados com as fotografias foram referentes: a qual família pertencia a foto, data e o local, casamento de quais jovens, que tipo de ambiente e que outros elementos (detalhes) podiam se observar e destacar na fotografia.

O trabalho realizado com as fotografias teve por objetivo central um estudo mais detalhado, entre a análise das fotografias e o que o olhar do fotógrafo pretendia captar ao registrar aquele momento significativo da vida dos jovens noivos.



Foto 7 - Casamento de Darcy Antonio Bobato e Delzira Maria Moleta. Data: 18/12/1965.
Acervo: Delzira M. M. Bobato



Foto 8 - Casamento de Eraildes Moleta e Elizeu Bobato. Data: 22/04/1972. Acervo: Delzira M. M. Bobato



Foto 9 - Casamento de Verci José Moleta e Anaides Marconato. Data: 20/01/1973. Acervo: Delzira M. M. Bobato

Observando as fotografias, foram destacados os seguintes dados: Os três casais pertencem à mesma família Bobato e Moleta. A noiva da foto 7 Delzira

Maria Moleta, a noiva da foto 8 Eraildes Moleta e o noivo da foto 9 Verci José Moleta eram irmãos, filhos de Jacinto Moleta e Iolanda Bobato.

Pode-se observar que o estúdio do fotógrafo tem o mesmo painel e a posição que os noivos são colocados para serem fotografados é a mesma, em frente como se fosse uma escada. A posição das noivinhas também é a mesma. O que se pode notar é que o fotógrafo Bogdan Bilouws tinha a intenção de que esse momento fosse uma imagem perfeita, porém ela acaba se tornando estática, como se não houvesse movimento. As mesmas foram fotografadas no mesmo espaço e no mesmo ângulo. É como se o fotógrafo estivesse educando o olhar das pessoas para compreender que aquele momento deveria ser eternizado com perfeição.

Também foram observados que as duas famílias Bobato e Moleta se interligaram através destes casamentos.

No decorrer da pesquisa, foram identificadas outras fotografias, que mostram outros casamentos no mesmo espaço e na mesma posição. Isso identifica a intenção do fotógrafo em mostrar esse ambiente como sendo o espaço exclusivo para as fotografias de casamentos, o seu estúdio. Não se encontram fotografias de noivos em outros espaços externos a este estúdio e de forma espontânea, em movimento.

Boris Kossoy nos fala sobre essas fotografias estáticas e de estúdios:

[...] na análise das imagens fotográficas do passado, cujos assuntos encerram quase que exclusivamente retratos posados de estúdios e vistas urbanas e rurais captadas na sua estaticidade, torna-se difícil levantar dúvidas quanto à fidedignidade dessas representações do ponto iconográfico. Tratam-se de registros mecânicos de fragmentos do mundo visível caracterizados em geral pela inexistência de fatos dinâmicos que poderiam eventualmente ser flagrados em sua espontaneidade. Os conteúdos dessas imagens mostram assuntos geralmente bem-organizados em sua composição e aprioristicamente petrificados, antes mesmo do congelamento fotográfico. (KOSSOY, 2001, p. 111).

Sabemos que existe a interferência do fotógrafo na produção da imagem e na configuração própria do assunto no contexto da realidade. Isto quer dizer que tanto o fotógrafo como seu contratante pode desejar perpetuar uma imagem e estas podem ser estereotipadas, ou seja, expressões humanas que encontramos nos álbuns de famílias ou como observamos nas fotografias dos casamentos das famílias Bobato e Moleta no estúdio do fotógrafo Bogdan Bilouws.



Foto 10 - Casamento de Eroni Bobato e Anildo Bobato. Acervo:Inês Bobato.



Foto 11 - Casamento de Teresinha Moleta e Ismael Bobato. Arquivo pessoal



Foto 12 - Casamento de Joraci Menon e Humberto Moleta. Arquivo pessoal

Observando as novas fotografias 10, 11 e 12, identificamos os mesmos fatos anteriores, somente com algumas diferenças. Os noivos também pertencem às famílias Bobato e Moleta, o que mostra novamente um entrelaçamento entre as famílias, estão no mesmo estúdio fotográfico, na mesma posição e ângulo quando as fotografias foram produzidas pelo Sr. Bogdan Bilouws. Inclusive a sobranoiva está na mesma posição, segurando a cestinha das alianças.

Na foto 12 encontramos a noiva Joraci Menon que segundo a viúva do Sr. Bogdan, quando chegou ao estúdio seu vestido não era armado e, portanto, para eternizar a fotografia como um momento perfeito, o Sr. Bogdan encheu de jornal por baixo do vestido para que ele ficasse bem armado. Isso nos mostra que o fotógrafo se preocupava com o momento perfeito, com todos os detalhes, para que se eternizasse o momento da fotografia.

Esses estúdios eram locais montados para fazerem parte de um cenário montado para as fotografias. Como nos mostra Maria Eliza Linhares Borges:

Como pequenas fábricas de ilusão, seus estúdios atraíam homens e mulheres que, individualmente ou em grupos, davam vazão às suas fantasias. Para tal, os estúdios ofereciam uma variedade de apetrechos utilizados na montagem de cenários de acordo com desejo de auto-representação de seu público. Réplicas de tapetes persas, cortinas de veludo e brocado, almofadas decoradas, panos de fundo pintados com cenas rurais e/ou urbanas, roupas de gala, instrumentos musicais, bengalas, sombrinhas de seda etc., eram disponibilizados aos clientes interessados em atribuir realidade a seus sonhos e desejos. (BORGES, 2005, p.51).

As famílias Bobato e Moleta eram famílias de destaque entre os descendentes de imigrantes italianos na Colônia Bella Vista e Ribeira no interior de Imbituba. Formaram o maior número de moradores destas localidades. Com os casamentos entre os membros destas famílias, seus descendentes cresceram ainda mais. Dessa forma, a influência que essas famílias exerçaram na cidade de Imbituba foi bastante grande e era necessário através da fotografia representar seus papéis sociais, ou seja, representar o grupo familiar e coletivo dos descendentes de imigrantes italianos.

Segundo Borges (2005), nas fotografias de família o que interessava era a representação dos papéis sociais. É com eles que se cria a identidade do grupo e se instituiu a memória de seus membros. Os álbuns de família ou os retratos que tiram com os fotógrafos exprimem a verdade da recordação social. Funciona como uma espécie de integração a que a família sujeita os seus novos membros, cria elos, institui e preserva a memória familiar. Quando a fotografia é feita em es-

túdio, a imagem da família ou do novo casal (no caso dos casamentos em questão) que está formando uma família soma-se a interferência de outro olhar: o do próprio fotógrafo, que também possuía seus critérios estéticos e seus condicionamentos técnicos.



Foto 13 - Casamento de Ironi Bobato e Acir Marconato.
Acervo: Cleusi T. Bobato Stadler



Foto 14 - Casamento de Alaide Bobato e Daurio Schenemann.
Acervo: Cleusi T. Bobato Stadler



Foto 15 - Casamento de Bartolomeu W. Bobato e Irene Moleta.
Acervo: Sirlei Moleta Camargo.

Observamos nas fotografias 13 e 14 o mesmo estúdio, a mesma posição e ângulo, porém podemos observar que a sobrenoiva é a mesma, que inclusive aparece na foto 09, com o mesmo vestido, sapato, véu e grinalda. Como os casamentos eram realizados na mesma localidade e entre pessoas com ligações entre as famílias Bobato e Moleta, era comum que a sobrenoiva fosse a mesma, já que possuía a roupa adequada.

Contudo observamos que a fotografia 15 já possui detalhes diferenciados, pois os noivos estão numa posição diferente, sentados, atrás deles estão seus padrinhos e o cenário parece diferente, mas é o mesmo, só que num ângulo e posição diferente.

O que pode ser destacado nestas fotografias e nas demais é que a rigidez das posturas pode ser um sinal da artificialidade da situação gerada pela presença de estranhos: no caso a máquina e o fotógrafo, pois essas pessoas nunca tiravam fotografias a não ser em ocasiões especiais, como seus casamentos.

Nestas fotografias e cenários de pano de fundo, o fotógrafo parece querer ressaltar o pertencimento dos membros destas famílias a posições sociais independentes de seu trabalho árduo e pesado, já que eram agricultores. O cenário, o pano de fundo, quer criar um cenário diferente do que eles viviam no seu dia-a-dia, cria a perpetuação de um momento, em outras palavras, da memória do casal ali fotografado. A cena registrada não se repetirá jamais. O momento vivido, congelado pelo registro fotográfico, é irreversível. A vida, no entanto, continua e a fotografia segue preservando aquele fragmento congelado de uma realidade criada pelo fotógrafo. Os noivos ali fotografados envelhecem, os cenários se modificam, desaparecem. O mesmo ocorre com o fotógrafo e seus equipamentos. Porém, de todo esse processo, somente a fotografia sobrevive, como memória da vida individual e social.



Foto 16 - Casamento de Nelson Bobato e Lourdes Bobato.
Acervo: Sirlei Moleta Camargo.



Foto 17 - Casamento de Cleri Palhano e Valdenei Moleta.
Acervo: Sirlei Moleta Camargo.



Foto 18 - Casamento de Sirlei Moleta e Silvio N. Camargo.
Acervo: Sirlei Moleta Camargo.



Foto 19 - Noiva Sirlei Moleta.
Acervo: Sirlei Moleta Camargo.

Nas fotografias 16 a 19 temos dados novos e diferentes, ou seja, podemos observar posições novas, noivos sentados, a sobrenoiva segurando o vestido da noiva, noivos mais sorridentes e com posição mais espontânea, somente a noiva sentada ou sozinha na fotografia. Percebemos aqui um novo olhar do fotógrafo Bogdan Bilouws, ou seja, ele pretendeu dar mais movimento as fotografias e uma maior espontaneidade, para que a fotografia ficasse mais próxima da realidade, e não mais uma fotografia estática e sem movimento. Como as três últimas são fotografias de casamentos mais recentes, eram os novos tempos da modernidade, dos equipamentos fotográficos, dos métodos e mecanismo para se produzir os retratos fotográficos. Tudo o que pudesse chegar mais próximo do real, posições, ângulos, espaços, pois a fotografia é memória visual do mundo físico e natural, da vida individual e social, de um instante da vida que flui ininterruptamente.

Considerações finais:

No decorrer deste estudo, identificamos que as fotografias de casamentos das famílias Bobato e Moleta, representam importantes objetos para a preservação da identidade e memória das mesmas. Também é considerável reconhecer a importância dessas fotografias para o estudo da própria história, pois se configuram em fontes históricas que nos revelam o contexto da época em questão. A fotografia foi reconhecida como fonte histórica em finais do século XIX, facilitando e modernizando o acesso à informação e conhecimento.

Também, através deste estudo pudemos conhecer e verificar que a técnica fotográfica utilizada pelo fotógrafo Bogdan Bilouws foi muito importante para compreender o sentido que essas fotografias queriam transmitir para as gerações futuras. O fotógrafo tinha a intenção que a fotografia imortalizasse um dos momentos únicos na vida dessas pessoas, talvez o único momento em que se sentiam especiais, pois a maioria das pessoas retratadas eram agricultores descendentes de imigrantes italianos que moravam no interior e não tinham condições de encomendar fotografias ao “retratista” em diferentes momentos do dia-a-dia, a não ser em uma ocasião muito especial e que jamais se repetiria, como seus casamentos. O fotógrafo idealizava a imagem em seu estúdio, ajustando todos os detalhes possíveis para que a fotografia fosse registrada com perfeição.

Analisamos que as representações fotográficas dos casamentos demonstram a união de diferentes famílias, a maioria de descendência italiana. As fotografias representam a união de noivos das famílias Bobato e Moleta, o que contribuía para a preservação de sua memória e identidade como um grupo específico, porém em outras fotografias é possível perceber pessoas de outras famílias importantes da cidade.

Identificamos que o olhar do fotógrafo foi decisivo na produção e representação das imagens fotográficas que retratavam os casamentos. As imagens encomendadas pelos noivos nesse momento especial serviram e servem até hoje para a perpetuação da memória de duas famílias que se mesclaram, dando origem a um grupo específico que até hoje procura preservar sua história.

Através destas fotografias tivemos a oportunidade de recordar, aprender e dialogar com o passado dessas famílias. Elas possibilitaram ultrapassar a barreira iconográfica, ou seja, ir além da interpretação da fotografia, proporcionando a construção do conhecimento histórico.

Referências:

ALBERTI, Verena. **História Oral: A Experiência do CPDOC**. Rio de Janeiro: Editora FGV/CPDOC, 1990.

ALVIM, Zuleika M. F. **Brava Gente: os italianos em São Paulo - 1870-1920**. São Paulo: Brasiliense, 1986. 189p.

BALHANA, Altiva Pilatti. et al. **História do Paraná**. v. I Curitiba: Grafipar, 1969.

BLOCH, Marc. **Apologia da História ou o ofício do historiador**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001. 159p.

BORGES, Maria Eliza Linhares. **História & Fotografia**. 2.ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2008. 130p.

BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: FERREIRA, Marieta de Moraes e AMADO, Janaina. (org.). **Usos & abusos da história oral**. 8. ed. Rio de Janeiro: FGV, 2006. p.183-191.

DUBOIS, Phillippe. **O ato fotográfico e outros ensaios**. 13^aed. Campinas/SP: Papirus, 2010.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. 2. ed. São Paulo: Vértice, 1990. 189p.

HOFFMANN, Maria Luisa. Pelos Caminhos da Fotografia. **Discursos Fotográficos**, Londrina, v.9, n.14, p. 201-204, jan/jun.2013.

KOSSOY, B. **Fotografia e História**. 2.ed.rev. São Paulo: Ateliê Editorial, 2001. 173p.

MAUAD, Ana Maria. **Poses e Flagrantes: ensaios sobre história e fotografias**. Niterói: Editora da UFF, 2008. 262p.

_____. Através da Imagem: Fotografia e história – Interfaces. **Revista Tempo**, v.1, n.2, Universidade Federal Fluminense, Departamento de História. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1996, p. 73-98.

MOLETTA, Susete. **Da Itália para o Brasil: o casal da Capelinha da Água Verde**. São José dos Pinhais: Est. Edições, 2007, 220p.

STADLER, Cleusi T. B. **Imbituva – uma cidade dos Campos Gerais**. 2. ed. Imbituva: Gráfica Prudentópolis, 2005. 185p.

_____. **Memórias de Imbituva – História e Fotografia**. Imbituva: ALACS, 2009. 164p.

_____. Fotografia e Memória Local: uma experiência em sala de aula. **Revista ArsHistórica**.n.6, ago./dez/2013, p.1-16. Disponível em <http://www.historia.ufrj.br/~ars/> Acesso em março/2014.

_____. **Fotografia e Memória Local: uma experiência em sala de aula**. Anais do V Congresso Internacional de História, UEM: 2011. Disponível em <http://www.cih.uem.br/anais/2011/trabalhos/161.pdf> Acesso em março/2014.

STECA, Lucinéia Cunha; FLORES, Mariléia Dias. **História do Paraná – Do século XVI à década de 1950**. Londrina: Eduel, 2008. 205p.